

PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO, E A IDENTIDADE NEGRA ÀS MARGENS DA SOCIEDADE BRASILEIRA

PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO, AND BLACK IDENTITY ON THE MARGINS OF BRAZILIAN SOCIETY

Marília Gabriela Pereira da Silva 1

Olívia Aparecida Silva 2

Resumo: O objetivo deste texto é discutir sobre a questão étnico-racial brasileira, presente no romance Ponciá Vicêncio (2003), de Conceição Evaristo. Refletir sobre como os negros/as elaboram estratégias de resistências dentro de uma sociedade que não os reconhece como identidades culturais e sociais. Discutir-se-á o processo histórico no qual se estabeleceu as desigualdades sociais vivenciadas pela população negra e quais fatores contribuíram para legitimar estereótipos negativos e os preconceitos a respeito desse grupo que sobrevive às margens da sociedade brasileira. Analisar-se-á a construção da imagem e da identidade do negro/a no romance Ponciá Vicêncio focalizando dois personagens, Ponciá e seu irmão Luandi. Ao longo do texto, serão observadas as ações dos personagens, suas consequências e os sonhos desfeitos ao saírem do lugar onde nasceram para tentar a vida na cidade. Depois da desilusão, reconhecem a necessidade de voltar ao lugar de origem e a importância de retomar a tradição familiar com o artesanato. Ponciá Vivêncio é uma obra que se institui enquanto denúncia social sobre a existência do preconceito racial e social arraigado na sociedade brasileira.

Palavra-chave: Ponciá Vicêncio. Identidade. Sociedade Brasileira.

Abstract: The objective of this text is to discuss the Brazilian ethnic-racial issue as portrayed in the novel "Ponciá Vicêncio" (2003) by Conceição Evaristo. It aims to reflect on how Black men and women develop strategies of resistance within a society that does not recognize them as cultural and social identities. We will discuss the historical process through which social inequalities experienced by the Black population were established, and which factors contributed to legitimizing negative stereotypes and prejudices against this group that survives on the margins of Brazilian society. The analysis will focus on the construction of the image and identity of Black individuals in the novel "Ponciá Vicêncio," particularly centering on two characters, Ponciá and her brother Luandi. Throughout the text, we will observe the characters' actions, their consequences, and the shattered dreams as they leave their birthplace to seek a life in the city. After disillusionment, they recognize the need to return to their roots and the importance of reclaiming family tradition through craftsmanship. "Ponciá Vicêncio" stands as a social critique highlighting the existence of deep-seated racial and social prejudice in Brazilian society.

Keywords: Ponciá Vicêncio. Identity. Brazilian Society.

- 1 Graduação em Letras (UFT/CPN), Mestra em Letras (Programa de Pós-Graduação em Letras – UFT/CPN). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1665933558685925>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7976-8199>. E-mail: gabi12061994@gmail.com
- 2 Graduação em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (1992), mestrado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (1997) e Doutorado em Literatura pela Universidade de Brasília (2005). Atualmente é professora associada aposentada da Universidade Federal do Tocantins, Professora colaboradora do Programa de Pós Graduação em Letras – UFT/CPN, Professora adjunta da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9334745203861061>. ORCID:<https://orcid.org/0009-0005-7662-3399>. E-mail: olivia@unifesp.br

Introdução

Durante muitos anos, sobretudo no século XIX, narrativas oriundas da Europa representavam a identidade negra de forma estereotipada, dado que os estereótipos negativos atribuídos a essas identidades são reflexos de um cenário literário hegemônico.

De acordo com Dalcastagné (2007, p. 21), aqueles sujeitos que estão às margens do fazer literário pelo poderio de algumas tradicionais formas de expressão também acabam por pensar que seriam incapazes de produzir literatura. Dessa forma, seus registros são poucos porque suas formas de representação são desvalorizadas e não lhes é oferecida a oportunidade de produzir literatura.

Existem produções literárias de autoria negra que trata da reintegração dessa identidade na sociedade brasileira após a escravidão. Dentre elas temos o romance *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo. Poetisa, romancista e contista, nasceu em 1946, natural de Belo Horizonte. A escritora de origem humilde mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1970, onde estudou e conseguiu tornar-se graduada em Letras pela UFRJ. Desenvolveu atividades de ensino como professora da rede pública da capital fluminense. Continuando seus estudos, tornou-se Mestre e Doutora com pesquisas voltadas para a literatura afro-brasileira.

Neste estudo, apresentaremos uma breve leitura do romance e como ele contribui para percebermos a voz e a densidade psicológica, histórica e política dos personagens negros. É importante observar que *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, procura desconstruir, por meio dos seus personagens, a imagem do homem preto que foi criada pela literatura aclamada pelo cânone. Compreende-se que as narrativas que colocam os sujeitos negros em primeiro plano numa perspectiva do negro e não sobre o negro, são por si só altamente transgressoras e progressivas. *Ponciá Vicêncio* faz-nos pensar sobre a condição e quais papéis sociais são dados a essas identidades negras no Brasil.

A obra, objeto de análise, pode esclarecer muitas lacunas e explicar problemas atuais, sobretudo, em relação à desigualdade social e étnico-racial. É um olhar que nos remete ao passado e ao presente, observando que a maioria da população que vive à margem é preta ou parda e a necessidade de mudar essa estatística. A literatura é um ato de resistência e, por meio da representação, a literatura afro-brasileira busca refletir e ampliar espaços ainda tão restritos aos pretos e pardos em pleno século XXI.

Pós-colonial, memória e migração em *Ponciá Vicêncio*

Na história do Brasil, as identidades negras foram representadas, quase que exclusivamente, de maneira subalterna. Acontece que representações depreciativas reforçam a manutenção do preconceito e de rótulos negativos aos negros (as). Alguns movimentos, no sentido de dar visibilidade ao problema do negro, podem ser observados a partir de meados do século XIX, por meio da escrita de alguns escritores negros. Dentre eles, podemos citar Luiz Gama, Maria Firmina dos Reis, Machado de Assis e Cruz e Souza. Este natural de Santa Catarina, filho de pais negros alforriados, ex-escravizados, na infância demonstra-se talentoso, aos oito anos de idade revela-se um poeta ao exclamar versos de sua própria autoria. Sua educação foi patrocinada por uma família de aristocratas. Com isso, conseguiu estudar no Liceu Provincial de Santa Catarina. Ainda jovem, o escritor sofreu preconceito racial e foi impedido de assumir o cargo de promotor público em Laguna/SC.

O autor insere-se na vida literária aos 20 anos de idade. As temáticas mais abordadas nos jornais nos quais trabalhou foram sobre o racismo e o preconceito racial. Tal escritor é um dos principais representantes do Simbolismo no Brasil e considerado um dos precursores da literatura afro-brasileira. Entre outros autores que merece destaque, em fins do século XIX, citamos Maria Firmina dos Reis (1822-1917). Ela nasceu na ilha de São Luís, no Maranhão. Filha de mãe branca e pai negro, a autora conseguiu fazer de seu primeiro romance *Úrsula*, publicado em 1859, um ato de resistência e uma denúncia à escravidão no Brasil. Observa-se que os autores citados escreviam e reagem às representações que silenciam tal identidade, objetivando mudar a sua condição social.

Percurso foram percorridos e Conceição Evaristo, escritora contemporânea, é uma autora

negra que se contrapõe aos estereótipos vinculados a esse grupo. Seu romance, *Ponciá Vicêncio* (2003), representa a identidade negra com história, ancestralidade e valores, dinâmica muito distinta das escritas brancas e hegemônicas. Por isso, acreditamos que o romance contemporâneo afro-brasileiro é extremamente necessário, se tornando um instrumento válido de representatividade do negro/a.

Desse modo, Conceição Evaristo coloca em formato literário suas “escrevivências”, isto é, conta suas histórias, com suas particularidades e profundidade, mas que remetem às experiências de outras mulheres. Uma vez que a autora, por meio de sua escrita, representa mulheres e suas lutas no seu cotidiano. Recorrendo à literatura, a escritora permeia por várias narrativas, mesmo em posições sociais distintas, contemplando mulheres reais e suas histórias. Aquilo que os seus ancestrais passaram e que ainda estão passando, apresentando em sua obra em quais papéis sociais os seus estão inseridos. A autora tem consciência e uma responsabilidade muito grande ao escrever sobre a história de um grupo que, por muito tempo, foi silenciado. Em *Ponciá Vicêncio*, os personagens negros são protagonistas de suas próprias narrativas e, através do protagonismo que é dado, suas vozes marginalizadas são ouvidas, o que torna esse grupo agente de sua própria história.

Publicado em 2003, o romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, é narrado em terceira pessoa e apresenta a trajetória de Ponciá, personagem que dá nome à obra, e de seu irmão Luandi, que saem do campo como muitos outros em direção à cidade. Em meio à desesperança pela vida que tinham, resolvem se deslocar para a cidade, migrando em busca de melhores condições de vida. Ponciá é artesã e juntamente com sua mãe, Maria, produz utensílios de barro, enquanto seu irmão, Luandi, acompanha o pai no trabalho da roça. A família mora numa comunidade que podemos imaginar sendo um remanescente de quilombo onde todos se ajudam. O romance estrutura-se por meio das memórias de Ponciá Vicêncio, que entrelaça o passado ao presente da personagem.

É evidente que homens e mulheres negros sofreram com estereótipos desde a escravidão. Eles não eram vistos como seres humanos com histórias, direitos e contribuições positivas para a sociedade brasileira. Observa-se que mesmo após a abolição da escravatura, os ex-escravizados tiveram suas histórias desvalorizadas e são considerados inferiores aos brancos. Eles foram jogados à própria sorte e ainda tiveram dificuldades para se reintegrar na sociedade brasileira no pós-colonial:

Ao lado deste processo, tem início um período de pobreza acentuada, com consequências sobre o nível de qualidade de vida das classes populares em geral, mas de forma mais direta dos ex-escravos. A demanda imediata pela sobrevivência passa a ser o centro da vida, a luta principal, neste momento de reorganização total da vida dos negros, guiando-lhe inclusive a sua inserção na cidadania (Menezes e Santos Filho, 2007, p. 25).

Desse modo, é fato que grande parte dos negros encontrava-se excluídos do mercado de trabalho, dentre tantas outras esferas sociais. A mesma sociedade que legitimou o regime escravista no período colonial permanece anulando e excluindo os negros. São práticas de exclusão semelhantes às validadas durante a escravidão mesmo após a independência.

O Brasil se transforma de colônia em um país independente, mas com um regime diferente dos seus vizinhos: Estado unitário, uma monarquia constitucional sob uma constituição outorgada, com um poder executivo forte em um parlamento consentido e limitado. A escravidão é mantida (Menezes, 2009, p. 87).

Assim, os estereótipos negativos, os pensamentos da colônia são reforços para a manutenção do regime escravista. Observa-se na representação da obra, *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, a busca da protagonista por uma história com possibilidades diferentes. Ponciá sai de sua comunidade no campo e vai para a cidade grande acreditando ser possível alcançar uma vida melhor para ela e para os seus. Todavia, suas expectativas são frustradas logo no primeiro dia em que chega à cidade. Existe um momento do romance em que se observa o quanto à sociedade

brasileira é estruturalmente excludente:

Quando o trem foi diminuindo a marcha e parou na plataforma, Ponciá Vicêncio apertou contra o peito a pequena trouxa que carregava no colo durante a viagem inteira. Levantou-se aflita e olhou desesperada lá fora à procura de alguém. Não divisou um rosto conhecido, experimentou um profundo pesar, embora soubesse de antemão que não havia ninguém esperando por ela. Não conhecia ninguém, nunca viera até a cidade e todos os seus parentes haviam ficado para trás. Nenhum deles havia ousado tamanha aventura. Estava escurecendo, Ponciá não sabia bem o que fazer. Caminhou rápido e alcançou o lado de fora da estação. Quis olhar para trás, mas temeu o desejo de recuo. Olhou em frente, uma imponente catedral, com suas luzes acesas, esperava pelos crentes, no final da avenida. O relógio da matriz era enorme, de longe conseguiu ler as horas. Eram seis. Ponciá tinha 19 anos, sendo capaz ainda de inventar sentimentos de segurança. Caminhou firme, sempre em frente, e só parou quando chegou à escadaria do templo (Evaristo, 2003, p. 31).

Nesta passagem, observamos que a ida da protagonista para a cidade representa a condição de tantos outros migrantes negros/as que também saem do campo em busca de melhores condições de vida. Em outro momento da narrativa, Ponciá reflete acerca da vida urbana por meio do que ouviu desde pequena a respeito da cidade:

Ela sabia de muitos casos tristes, em que tudo havia dado errado. Procurou se lembrar de algum que tivesse dado um final feliz. (...) Não lembrou. Esforçou-se mais e não atinou com nenhum. Não esmoreceu. Relembra tanto, falavam tanto daqueles casos tristes, que, até ela, só se lembrava deles. Não tinha importância. O caso dela, quando voltasse para buscar os seus, haveria de ser uma história de final feliz (Evaristo, 2003, p. 33).

Nota-se, a partir do excerto acima, que a sociedade brasileira não mudou muito após a abolição da escravidão, dado que a situação de abandono das pessoas negras se intensificou desde esse momento. E mesmo ouvindo desde pequena que a vida na cidade grande não era fácil, ela não desiste de partir de sua comunidade. Com o passar do tempo, Ponciá acreditou que os seus sonhos poderiam ser realizados na cidade, conforme se observa no trecho a seguir:

Aos poucos Ponciá foi-se adaptando ao trabalho. Ficou mesmo na casa da prima da moça que ela havia conhecido na igreja. Foi aprendendo a linguagem dos afazeres de uma casa na cidade. (...) Estava de coração leve, achava que a vida tinha uma saída. Trabalharia, juntaria dinheiro, compraria uma casinha e voltaria para buscar sua mãe e seu irmão. A vida lhe parecia possível e fácil (Evaristo, 2003, p. 38-39).

Ainda em sua mocidade, a protagonista da narrativa enfrenta um dilema com o próprio sobrenome, já que o mesmo passou de pai para filho e perdeu até a geração de Ponciá. Tal sobrenome é um fardo que a personagem e os seus carrega, pois a dor que a neta de vô Vicêncio traz por ter este sobrenome não é uma dor que pertence somente a ela, mas a todos que sofreram durante a escravidão e até mesmo os abolidos, pois continuaram marcados pelo passado escravocrata. No fragmento a seguir, ela chama o seu nome, mas não o reconhece, o eco interno não existe, não é uma herança, foi uma condição imposta devido ao domínio do mais forte:

O amanhã de Ponciá era feito de esquecimento. Em tempos outros, havia sonhado tanto! Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram.

Menina, tinha o hábito de ir à beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o seu próprio nome. Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si (Evaristo, 2003, p. 18).

O tempo passava e Ponciá sentia cada vez mais que o sobrenome Vicêncio não lhe pertencia, visto que ele torturou sua infância e sua juventude. Tal sentimento não era por um acaso, tinha uma razão de ser: o sobrenome marcava Ponciá e os seus enquanto propriedade do coronel Vicêncio. Ele não tinha nada de seu, representava uma história da qual não fazia parte do seu presente, era como se fosse uma marca que gostaria de ver apagada, mas presentificava-se de forma insistente. Ao contrário do que acontece em outras famílias, o sobrenome acompanha a trajetória de seus descendentes, no caso de Ponciá designava estar atrelada a um eterno dono que atravessava gerações. O nome não parental era a marca histórica dos ex-escravizados.

O tempo passava, a menina crescia e não se acostumava com o próprio nome. Continuava achando o nome vazio, distante. Quando aprendeu a ler e a escrever, foi pior ainda, ao descobrir o acento agudo de Ponciá, às vezes num exercício de autoflagelo ficava a copiar o nome e a repeti-lo, na tentativa de se achar, de encontrar o seu eco. Era tão doloroso quando grafava o acento. Era como se estivesse lançando uma lâmina afiada a torturar-lhe o corpo. Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô de seu avô, o homem que ela havia copiado de sua memória para o barro e que a mãe não gostava de encarar. O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens. (...) Ponciá Vicêncio era para ela um nome que não tinha dono (Evaristo, 2003, p.26-27).

O trecho acima nos mostra que Ponciá é ciente do seu passado escravocrata e que o nome Vicêncio é uma herança da escravidão, uma marca que representa a tortura que perdurou por três gerações. O nome Vicêncio contribui para a manutenção da escravidão e torna-se sempre pertencimento; uma história que persiste em existir, mesmo na resistência. Desse modo, o romance denuncia o legado colonial ainda enraizado na sociedade brasileira.

Na sequência narrativa, o irmão de Ponciá também parte para a cidade em busca da irmã e de melhores condições de vida. Luandi é um jovem sonhador que tinha o desejo de tornar-se um soldado. Porém, chega à cidade da mesma forma que sua irmã, sozinho e sem nenhum lugar para ficar, não há referência na qual possa recorrer. Constata-se tal afirmação na passagem a seguir:

A chuva incomodava Luandi. A roupa colada em seu corpo e os sapatos molhados causavam-lhe desconforto. Estava calçado pela primeira vez. Na roça sempre andava de pés no chão. As luzes dos postes querendo tapear a escuridão da noite aborreciam profundamente o moço. Para que eu vim pra cidade? Perguntou-se entre os dentes, resmungando, como era hábito de seu pai. Para que eu vim pra cidade, se perguntou novamente. Achar minha irmã, juntar dinheiro e ficar rico. É, ele havia de ficar rico. Diziam que na cidade as pessoas trabalham muito, mas ficam ricas. E de trabalho *Luandi* não tinha medo. Pisou em uma poça d'água acabando por molhar os pés, mas ainda, é a barra da calça também. Sentiu uma pontada no estômago, era fome. Enfiou a mão no bolso remexendo lá no fundo. Não havia mais nada, nem uma moedinha sequer. Encostou-se ao muro e tentou abrir a mala de papelão. Não foi preciso. A mala toda encharcada foi se abrindo por si mesma (Evaristo, 2003, p. 59).

Percebe-se que os filhos de Maria se encontram vulneráveis e no decorrer da narrativa. A vida na cidade vai se tornando cada vez mais difícil para os irmãos, razão de não se adaptarem à estrutura excludente. Os sonhos que imaginavam realizar se desfizeram com o passar do tempo. Era um mundo de desenganos e as oportunidades que vieram em busca não se concretizaram.

Luandi já estava na cidade há anos. Chegara sozinho. Quando veio, pensava que seria só bater em algum lugar e se oferecer para trabalhar. Na roça trabalhava sempre. Se não estava semeando, estava colhendo ou arando a terra, ou ainda estocando alimentos nos armazéns da fazenda. Estava também na moenda da cana, na torrefação do café. Às vezes, carregava bois e fazia cercas. Era pau-de-toda-obra. Sabia fazer de tudo. Na cidade estava aprendendo a fazer de tudo também. Chegou ali sem eira e nem beira. Tinha perdido pelo caminho o endereço da irmã. Chegou num dia de chuva e frio. Trazia muita fome também (Evaristo, 2003, p. 59).

Observa-se que o cenário vulnerável que Luandi se encontra é muito semelhante ao dos negros escravizados no século XIX. Com isso, ambos, Luandi e sua irmã passaram pelo processo de enfrentar o desemprego e ainda se adaptar em uma estrutura social racista e supressiva por serem negros. Desse modo, o romance demonstra que a conquista da liberdade dos negros ex-escravizados ficou apenas nos registros documentais, pois a garantia dos seus direitos é cotidianamente rasurada.

O jovem começa a trabalhar numa delegacia da cidade com a ajuda do policial Nestor, que também é um homem negro que consegue se tornar policial na cidade grande:

No primeiro dia de trabalho de Luandi José Vicêncio na delegacia, chegou um molecote acusado de roubo. Era um rapaz meio amulatado de olhos claros, que tinha sido pilhado rondando o armazém dos espanhóis, que ficava bem perto da delegacia. O molecote jurava por tudo que não pretendia roubar nada. Jurava pela vida da mãe e pelas chagas de Cristo. O delegado gritava com ele. Soldado Nestor parado, calmo, impassível, de vez em quando alisava o cabo do porrete. O delegado terminou a preleção dizendo ao rapazinho que, se dependesse dele, cortaria as mãos de todos os ladrões. Entretanto, mandou que o soldado Nestor soltasse o menino (Evaristo, 2003, p. 62).

Percebe-se, no fragmento acima, que a violência urbana é direcionada principalmente ao homem negro, uma vez que ele é visto como o contraventor, violento e inferior na sociedade. Infere-se, no trecho a seguir, que os jovens negros são julgados pela cor de sua pele, independente de ser provada sua culpabilidade.

Luandi José Vicêncio gostava de trabalhar na delegacia. O momento de que ele mais gostava era quando chegavam os presos. Alguns chegavam assustados, acuados. Outros vinham com as feições carregadas de ódio. Ele ficava encarando um por um na tentativa de descobrir quem era culpado e quem era inocente. Tinha a impressão, às vezes, de que todos eram inocentes, mas ao mesmo tempo culpados. Seu coração doía um pouco. Sentia-se também preso em cada um deles (Evaristo, 2003, p. 63).

Compreende-se o fato de Luandi identificar-se com aqueles jovens devido ter passado pela mesma situação, pois ele foi abordado de forma negligente e preso no primeiro dia em que chegara à cidade, apenas por estar dormindo na estação ferroviária. O jovem descrito como “amulatado” foi levado preso em virtude de apenas caminhar próximo ao armazém que ficava perto da delegacia. Assim, mesmo sendo inocente, o homem negro ainda é considerado um contraventor. Temos, ainda nesta mesma passagem, a comprovação de que a sociedade brasileira vincula o negro à

criminalidade. Com base nos acontecimentos, na dureza do cotidiano, os irmãos, Luandi e Ponciá, começam a ter entendimento da condição social na qual estão inseridos.

Retomando a protagonista da narrativa, é possível observar no fragmento a seguir, que a vida longe do campo e dos seus familiares aflige a jovem que passa a se tornar alheia de si:

Via a vida e os outros se fazendo, assistia aos movimentos alheios se dando, mas se perdia, não conseguia saber de si. No princípio, quando o vazio ameaçava a encher a sua pessoa, ela ficava possuída pelo medo. Agora gostava da ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornando-se alheia de seu próprio eu (Evaristo, 2003, p.40).

Ao não reconhecer a si, significa não ter necessidade de questionamentos, pois nada mudará; é não ver sentido na vida; o vazio e o ensimesmar-se é uma forma de recusa a pertencer a um mundo que a sufoca e o entendimento de ter seus direitos mínimos de sobrevivência subtraídos. A deterioração de si é o reflexo de uma sociedade que segrega e exclui identidades consideradas inferiores. Observa-se que a obra busca representar a condição dolorosa de ser negra/o. Outro fator agravante para o desgaste emocional de Ponciá é o relacionamento tóxico com o marido devido às agressões físicas e às psicológicas. Tais hostilidades alcançaram a alma da jovem que sonhava em construir uma família e, conseqüentemente, ter uma vida feliz na cidade.

Durante a narrativa, as violências físicas passam a ser suportadas, no entanto, não significa que ela se acostumou aos maus-tratos. A dor não era mais física, mas moral e psicológica. Os dias passavam e ela ainda na cidade, submergiu na ausência de si e essa ausência consumia-lhe por dentro, tornando-lhe alheia a tudo e a todos ao seu entorno. No entanto, observa-se que mesmo estando vulnerável, ela é ciente da sua realidade e de sua condição social:

Ponciá deitou-se na cama imunda ao lado do homem e de barriga para cima ficou como olhar encontrando o nada. Veio-lhe a imagem dos porcos no chiqueiro que comem e dormem para serem sacrificados um dia. Seria isto vida, meu Deus? Os dias passavam, estava cansada, fraca para viver, mas coragem para morrer também não tinha ainda. O homem gostava de dizer que ela era pancada da ideia. Seria? Seria! Às vezes, se sentia, mesmo, como se a sua cabeça fosse um grande vazio, repleto de nada e de nada (Evaristo, 2003, p.29-30).

A relação por ela estabelecida é devido ao aspecto degradante da moradia, das condições sociais que lhe são impostas. Assim como os porcos, ela e todos os que vivem à margem da sociedade são sacrificados todos os dias. Sem vislumbrar alternativas para mudanças, Ponciá Vicêncio passa a não se interessar por mais nada, tudo lhe é indiferente. A discriminação social e a marginalidade fazem parte de uma política injusta e desumana em relação aos menos favorecidos. Os sonhos que a levaram para a cidade foram desfeitos por uma realidade cruel. A sociedade na qual está inserida apresenta nitidamente as diferenças sociais e o papel a ser desempenhado pelos indivíduos que vivem à margem. Diante do quadro que se lhe apresenta, sem forças para lutar, resta-lhe a inércia. Sua fraqueza não é apenas física pelo trabalho, mas também emocional por compreender que os dias passam e com eles a esperança de uma vida feliz na cidade.

A morte prematura dos filhos foi o ponto crucial para que a protagonista refletisse sobre sua vida e a de seus antepassados. Era a perpetuação de uma história de servidão e pobreza:

Quando os filhos de Ponciá Vicêncio, sete, nasceram e morreram, nas primeiras perdas ela sofreu muito. Depois, com o correr do tempo, a cada parto, ela chegava mesmo a desejar que a criança não sobrevivesse. Valeria a pena pôr um filho no mundo? Lembrava de sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição de uma mesma vida para os seus filhos. O pai trabalhava tanto. A mãe pelejava com as vasilhas de barro e tinham apenas uma casa de pau a pique coberta de capim, para abrigar a pobreza em que viviam. E esta era a condição de muitos. (...) Cresceram na pobreza. Os pais, os avós, os bisavós sempre trabalhando nas terras dos senhores. A cana, o café,

toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos (Evaristo, 2003, p. 70).

Ponciá sai em busca de melhores condições de vida na cidade, mas acaba subsistindo num humilde barraco na favela que ela conseguiu comprar junto com o marido. Todos os dias descendo e subindo o morro da favela onde morava em direção à casa da patroa para obter o mínimo necessário para sobreviver. É a representação da realidade de muitas mulheres negras, pobres e periféricas, subsistindo às margens da sociedade brasileira.

O legado que a escravidão deixou para Ponciá Vicêncio, para seu irmão Luandi e para toda a sua família foi a certeza de que geograficamente serão discriminados por sua cor. Dessa forma, a condição social dos irmãos que saíram do campo para a cidade é regida a partir do passado africano de ambos.

O romance *Ponciá Vicêncio* representa a identidade negra com história, vivência cultural e valores, já que por muito tempo foram inferiorizados e desprezados. O romance reflete sobre a herança cultural muito forte e presente na vida da personagem principal, a arte com o barro. Por meio da protagonista, Conceição Evaristo evidencia a necessidade de discutir o papel do negro/a na história brasileira, o silenciamento ao qual foram submetidos seus antepassados e a urgência de reescrever a história seja por meio da sua arte ou por outras formas de expressão.

Ao final da narrativa, será mostrado o reencontro de Ponciá com o seu passado e o seu presente. No fragmento a seguir, podemos observar que os anos passam e as raízes ancestrais se presentificam:

Na primeira manhã em que Ponciá Vicêncio amanheceu novamente no emprego depois do retorno à terra, levantou com uma coceira insistente entre os dedos das mãos. Coçou tanto até sangrar. Cuidou dos afazeres da casa da patroa, mas toda hora interrompia o trabalho e levava as mãos debaixo d'água para ver se aliviava o incômodo. Ela nunca tivera nada de pele. Ao nascer, o primeiro banho tinha sido em sangue de tatu, o que deixou Ponciá imunizada para qualquer mal nesse sentido. Então, por que agora, quando já grande, o surgimento daquele incômodo que coçava tanto entre os dedos? Ponciá Vicêncio cheirou a mão e sentiu o cheiro de barro (Evaristo, 2003, p.64).

A arte com o barro é como um testemunho, diversas vozes são manifestadas por meio dela, é também uma forma de desmistificar pensamentos e estereótipos construídos sobre uma identidade que por muito tempo foi compreendida ser incapaz de contribuir culturalmente em relação à sociedade. Portanto, manter viva a lembrança da arte com o barro representa um compromisso com aqueles que já foram e com aqueles que ainda virão.

É importante observar que outra figura essencial para o desenvolvimento da narrativa é vô Vicêncio, um personagem marcado pela escravidão e emocionalmente perturbado, já que ele representa um misto de sensações oriundas do regime escravista. Inconformado com a condição de escravo, o avô de Ponciá mata a mulher e tenta tirar a própria vida. Felizmente, depois de se autoflagelar decepando a própria mão, vô Vicêncio é impedido a tempo de consumir uma tragédia maior. Porém, passa o resto da vida com a dor e a vergonha de ter a mão decepada. Vô Vicêncio deixa uma herança de dilaceramento para sua neta. A tragédia que abate sobre ele representa a história de uma população que sofreu e ainda sofre com os resquícios de um período sombrio.

Retomando as memórias de Ponciá, destaca-se que elas são o fio condutor da narrativa, intercalando o passado e o presente da protagonista. Além disso, a ligação entre Ponciá e o avô representa um elo vivo entre a memória ancestral e a consciência da subordinação da identidade negra no romance, mesmo após a abolição.

A fragilidade emocional de vô Vicêncio é tão latente no romance, que ele vivia a rir e a chorar, testemunhando o sofrimento de três gerações de sua família causado pela escravidão. A ligação é tão forte entre o avô e a neta que ainda na infância a menina assusta a todos ao imitar o avô logo nos seus primeiros passos:

Um dia, a mãe com ela nos braços, estava de pé junto ao fogão de lenha, olhando a dança do fogo sob a panela fervente, quando a menina veio escorregando mole. Veio forçando a descida pelo colo da mãe e, pondo-se de pé, começou as andanças. Surpresa maior, não foi pelo fato de a menina ter andado tão repentinamente, mas pelo modo. Andava com um dos braços escondido nas costas e tinha a mãozinha fechada como se fosse cotó. Fazia quase um ano que vô Vicêncio tinha morrido. Todos deram de perguntar por que ela andava assim. Quando o avô morreu, a menina era tão pequena! Como agora imitava o avô? Todos se assustavam. A mãe e a madrinha benziam-se quando olhavam para Ponciá Vicêncio. Só o pai aceitava. Só ele não se espantou ao ver o braço quase cotó da menina. Só ele tomou como natural a aparência dela com o pai dele (Evaristo, 2003, p. 16).

Percebemos como é forte a conexão entre eles, já que desde sua infância Ponciá carrega consigo traços de seu avô. O pai de Ponciá, filho de vô Vicêncio, também carrega consigo uma grande tristeza em relação ao pai devido à morte da mãe. Mesmo nascendo um homem livre, o pai de Ponciá é filho de ex-escravizados e ainda vive nas terras dos senhores de engenho, ou seja, dos brancos e ricos. Desde a infância ele sofreu severas humilhações e serviu apenas de objeto para o sinhô-moço, o qual é filho do coronel Vicêncio. O filho de vô Vicêncio aprendeu a ler durante uma brincadeira com o sinhô-moço, “filho de ex-escravos, cresceu na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô-moço” (Evaristo, 2003, p.17).

No excerto a seguir, observa-se que até mesmo a infância do pai da protagonista foi tirada:

Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas. Naquela noite teve mais ódio ainda do pai. Se eram livres, porque continuavam ali? Porque, então tantos e tantos negros na senzala? Porque tantos não se arribaram à procura de outros lugares e trabalhos? (Evaristo, 2003, p. 17).

Observamos que a partir da estrutura social em que o pai de Ponciá e seu avô estavam inseridos, ambos estavam fadados a uma vida de servidão aos seus senhores e a viverem na subalternidade na fazenda do Coronel Vicêncio, devido serem inferiorizados e negligenciados pela sociedade. Com isso, a manutenção da pobreza, da violência e da desvalorização dos que estão às margens perdura em qualquer espaço geográfico que essas identidades se dirigirem.

Observa-se que com o decorrer dos anos na cidade grande Ponciá Vicêncio vai perdendo as esperanças de uma vida melhor, mas como um afago, ela recorre às suas memórias da vida no campo, apesar das dificuldades, mas feliz pelo fato de estar ao lado dos seus, do rio e do barro. Vale ressaltar que, por meio de retornos constantes a eventos da sua vida no campo, Ponciá Vicêncio encontra vestígios de felicidade entremeio a tanta ausência de si e dos seus na cidade. Conforme se constata no trecho a seguir:

Ponciá gastava a vida em recordar a vida. Era também uma forma de viver. Às vezes, era um recordar feito de tão dolorosas, de tão amargas lembranças que lágrimas corriam sobre seu rosto; outras vezes eram tão doces, tão amenas as recordações que, de seus lábios surgiam sorrisos e risos. A mãe e o irmão eram sempre matéria de sua memória (Evaristo, 2003, p. 79).

As memórias de Ponciá amenizam os sofrimentos e as decepções vivenciados por ela na cidade grande: a perda dos filhos, a ausência da família e do barro. As cenas do passado, recuperadas pelas lembranças ao lado de sua família na humilde comunidade em que viviam, são

deslocamentos temporais e espaciais necessários para a sua sobrevivência em um mundo no qual não se reconhece enquanto sujeito integrante, mas excluído. Daí a necessidade de reconstruir o passado no presente e com ele sua infância e a presença familiar enquanto uma forma de refúgio e sobrevivência. É um fortalecer-se diante das incertezas e das agruras do presente. Na passagem a seguir, a personagem recorda o seu tempo de menina na vila Vicêncio:

Nos tempos de roça de *Ponciá*, nos tempos de casa de pau-a-pique, de chão de barro batido, de bonecas de espigas de milho, de arco-íris feito cobra coral bebendo água no rio, a menina gostava de ser mulher, era feliz. A mãe nunca reclamava da ausência do homem. Vivia entretida cantando com as suas vasilhinhas de barro. (Evaristo, 2003, p. 24).

As lembranças revisitadas por Ponciá Vicêncio referem-se às alegrias, à história, à cultura e, sobretudo, às raízes da personagem. Existe outra personagem na mesma obra que também recorre à memória como uma forma de sobrevivência, em meio às perdas e às angústias, tal personagem é Maria, mãe de Ponciá Vicêncio. Ela entoava as cantigas dos antepassados mais antigos que perpetuam por gerações, como forma de contribuição e/ou resgate de sua memória ancestral e também para se reconectar com sua filha:

(...) continuava cantando muito, como no tempo em que as duas entoavam juntas as canções. Cantava as cantigas de sua infância, aquelas que tinha aprendido dos mais velhos, no tempo em que era criança. Cantava as que tinha aprendido com a mãe e que tinha oferecido depois, mais tarde, à filha. E nessas canções havia muitas que eram dialogadas e, quando chegava aparte em que entraria a voz da filha, a mãe de *Ponciá* se calava. Fazia silêncio para escutar lá do fundo de sua memória, a voz-menina que, mesmo tendo crescido, mesmo estando distante, se presentificava cantando em suas lembranças. (Evaristo, 2003, p. 72-73).

Compreende-se que mesmo mãe e filha estejam geograficamente distantes, elas estão presentes no coração e na memória uma da outra. Logo, Luandi e sua irmã Ponciá Vicêncio retornam à casa em que moravam na vila Vicêncio antes do regresso final. Ambos não encontram a mãe nesse intervalo de tempo, mas encontram no barro o elo mais profundo entre eles. No próximo excerto, observa-se que Luandi também entoava uma cantiga antiga oriunda da África:

Cantou alto uma cantiga que aprendera com o pai, quando eles trabalhavam na terra dos brancos. Era uma canção que os negros mais velhos ensinavam aos mais novos. Eles diziam ser uma cantiga de voltar, que os homens, lá na África, entoavam sempre, quando estavam regressando da pesca, da caça ou de algum lugar. (...) Luandi não entendia as palavras do canto; sabia, porém, que era uma língua que alguns negros falavam ainda, principalmente os velhos. Era uma cantiga alegre. Luandi, além de cantar, acompanhava o ritmo batendo com as palmas das mãos em um atabaque imaginário. Estava de regresso à terra. Voltava em casa. Chegava cantando, dançando a doce e vitoriosa cantiga de regressar. (Evaristo, 2003, p. 75)

Percebe-se que ao cantar uma cantiga de seus antepassados, Luandi enaltece e resguarda uma herança cultural que passara de pai para filho e de geração para geração. Assim, a história de um grupo sofrido pode também ser contada por meio de suas cantigas, de suas artes e da memória coletiva. A voz de Luandi não fez com que sua mãe aparecesse na porta da casa como era de costume, a casa estava vazia e o coração de Luandi se enchia de um imenso vazio e de tristeza por não encontrar a família. Luandi se dá conta de que a ausência de sua terra e dos seus vai se fortalecendo dentro do seu coração, ao encontrar a casa onde cresceu vazia, o personagem

sente falta de sua comunidade, de sua mãe, de sua irmã e do rio no qual sua mãe e sua irmã, Ponciá Vicêncio, produziam as artes com o barro. As artes expostas na casa de sua mãe fazem com que o coração do jovem se recorde do tempo em família e do tempo em que podia ser o Luandi que gostava de andar com os pés no chão. As canequinhas de barro tocaram-lhe o coração, os artefatos de barro representavam um pedacinho da família, da sua família. A arte modelada com barro suscita sentimentos diversos.

A ausência da mãe de Luandi, pouco a pouco, foi-se tornando certeza presente nos olhos e no coração do moço. No fogão apagado, nenhum resto de cinza. Uma cobra deixara sua casca ou secara por ali. O coador de café seco e puído pelo não uso confirmava a ausência dos vivos. A sua canequinha de barro, a de sua mãe, a de sua irmã, e, ainda, a de seu pai estavam intactas (Evaristo, 2003, p. 76).

As ausências vão se manifestando de diversas formas: ao invés do fogo, as cinzas; o coador seco e puído diferente da umidade e do cheiro que exalava quando era utilizado; e as canequinhas vazias de alimento. O presente configura-se pela ausência, diferente de um passado cheio de sons e vida. É uma metáfora cuja significação é morte de uma vida que existia e não sobreviveu às ausências, assim como os sonhos de uma vida que seria diferente e restou a desilusão. O retorno é provocado pela necessidade de se sentir vivo e fortalecer-se das marcas adquiridas diante do insucesso na cidade. O vazio da casa contrasta com a esperança que viera com ele de reencontrar a mãe, retomar uma vida que antes de partir era repleta de desejos e de expectativas. O efeito do tempo e das mudanças mostra-nos a dinamicidade da existência.

O sentimento de vazio, de insatisfação existencial presentifica-se na obra por meio de seus personagens. Ela reflete sobre seres em conflito, insatisfeitos com realidade na qual estão integrados. As injustiças sociais vivenciadas pelos ex-escravizados e seus descendentes perpassa por toda a narrativa, também a resistência como forma de luta contra a segregação racial. Não apenas Ponciá Vicêncio, protagonista da narrativa, discute sobre a condição de ser negro em uma sociedade preconceituosa, mas a maioria dos personagens. A percepção sobre a sociedade e a exploração a qual são submetidos os negros é possível observar toda a narrativa. É interessante pontuar que há um sentimento de valorização da cultura que é preservada pelas gerações e um sentimento de necessidade de proximidade familiar. O elo entre os familiares é sinônimo de fortalecimento, de amparo, de resistência.

Observa-se, no fragmento a seguir, Ponciá Vicêncio refletindo sobre sua existência e como ela fica sem sentido diante da ausência de seus familiares e longe da sua terra.

E agora, ali deitada de olhos arregalados, penetrados no nada, perguntava se valera a pena ter deixado sua terra. O que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera o contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia (Evaristo, 2003, p. 30).

Nota-se que as angústias e o não pertencimento por parte da personagem à sua nova estrutura social é uma forma de resistência devido ser um lugar que exclui e segrega, como já foi dito. No final do romance, a protagonista totalmente alheia a si encontra-se com o irmão e a mãe na estação ferroviária e toda a família retorna para o campo. Ponciá com o emocional muito abalado e entre risos e choros igualmente o seu vô Vicêncio se comportava, sente no seu mais profundo íntimo a vontade de voltar para o rio, para o seu lugar de pertencimento. Logo, a protagonista sente que é chegada a hora de se reconectar com suas raízes.

Maria Vicêncio, agora de olhos abertos, contemplava a filha. A menina continuava bela, no rosto sofrente, feições de mulher. Por alguns momentos, outras faces, não só a de vô Vicêncio, visitaram o rosto de Ponciá. A mãe reconheceu todas, mesmo aquelas que chegavam de um outro tempo-espço. Lá estava

a sua menina única e múltipla. Maria Vicêncio se alegrou; o tempo de reconduzir a filha à casa, à beira do rio, estava acontecendo. Ponciá voltaria às águas e lá encontraria a sustância, o húmus para o seu viver (Evaristo, 2003, p. 108)

Dessa forma, a partir de sua arte, a personagem preservará a memória dos seus, que sofreram durante a escravidão. Através de sua arte, ela pode trazer a história dos negros/as escravizados, dos abolidos e dos que ainda são silenciados. Sua arte lhe oferece ânimo para continuar sobrevivendo às lutas diárias que as mulheres negras no Brasil são submetidas todos os dias, no trabalho, em casa e em tantas outras esferas sociais.

No que se refere ao Luandi, constata-se que mesmo tendo se tornado soldado na cidade grande como sempre sonhou, a sua voz ainda não seria como a dos brancos, já que ele é um homem negro em uma sociedade racista. Assim, ele resolve voltar para casa no campo, estar próximo de sua família. O sentimento de não pertencimento à cidade, da necessidade de estar próximo às origens é o que o leva para junto da família. No fragmento a seguir, ele decide voltar para sua casa no campo e, conseqüentemente, sua compreensão de mundo mudara. A vida tinha outro sentido, ele descobrira que era importante estar atento aos sinais.

Ele que levava tanto tempo desejando a condição de soldado, em poucos minutos escolhia desfazer-se dela. Compreendera que sua vida, um grão de areia lá no fundo do rio, só tomaria corpo, só engrandeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas. Descobria também que não bastava saber ler e assinar o nome. Era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser (Evaristo, 2003, p. 109-110).

O sentimento imperioso de voltar à terra dos seus pais e avós e a consciência de sua importância enquanto resistência, também é vivenciado por Ponciá Vicêncio. Ela entende que a cidade nada tem a lhe oferecer e que é chegada a hora de tomar posse da herança que vô Vicêncio havia deixado para seus descendentes: o dom com o barro, que representava o elo mais profundo com os seus antepassados e com os que hão de vir. A voz da personagem que dá nome ao título representa a voz coletiva, as vozes de seus bisavós, de seus avós e de toda uma população marginal que é excluída por uma sociedade cerceadora e preconceituosa em relação aos negros. O retorno de Ponciá e sua família ao campo também representa o reencontro com sua terra e a oportunidade de se reconectar com suas raízes. Ao voltar para a comunidade Vila Vicêncio e voltando para o campo, os irmãos estão voltando às origens.

A mãe de Ponciá Vicêncio havia anos vinha andando de povoado em povoado. E nessas andanças, em cada lugar que passava encontrava trabalhos de barro, feitos por ela e pela filha. O tempo passa, a vida também e ela sempre no fazer nem percebe o tanto que havia criado. Só depois, calma, longe de tudo, podia admirar o que tinha feito. Em toda casa, em toda fazenda tinha uma criação dela ou da filha (Evaristo, 2003, p. 72).

Verifica-se que a comunidade Vila Vicêncio preserva a arte produzida por mãe e filha, pois suas produções estavam em todas as casas e fazendas da comunidade, mantendo viva a tradição e a memória de vidas negras, de vidas que também importam. A arte de Ponciá representa uma voz política e testemunhal da mulher e do homem negro dentro do romance.

Constata-se que Conceição Evaristo denuncia em sua narrativa os silenciamentos, as opressões que os negros sofrem na sociedade brasileira, e ao mesmo tempo, cria personagens fortes, com histórias, valores e com densidade psicológica. *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, é um romance que mostra a realidade de mulheres e homens negros que estão à margem da sociedade brasileira, estigmatizados e rotulados negativamente, subsistindo em uma situação de pobreza e desfavorecimento. Assim, Conceição Evaristo busca refletir e denunciar as condições desiguais e o preconceito existente em relação ao homem\mulher negros. É importante observar sua condição de fala, ela escreve a partir suas vivências, daí sua escrita ser concebida enquanto escrevivências.

Considerações finais

Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, é uma obra que contribui para reflexões sobre a história do Brasil e as condições sociais as quais eram submetidos os negros ex-escravizados e seus descendentes. Ela procura dar voz a quem foi silenciado por um sistema hegemônico e racista.

Assim, a obra problematiza a discriminação contra os negros, remetendo o leitor ao cenário e/ou contexto histórico do século XIX no Brasil, mas ainda muito presente nos séculos XX e XXI. Discutir sobre a violência, a exclusão e o abandono que os negros (as) ainda sofrem em consequência de resquícios da escravidão no Brasil torna a obra uma espécie de arquivo contra o esquecimento dessa identidade. A partir da construção de *Ponciá Vicêncio* é possível constatar que o preconceito racial foi camuflado de diversas formas, mas permanece na sociedade brasileira.

A obra apresenta-se enquanto resistência a toda e qualquer tentativa de apagamento de um passado e um presente excludente e opressor. É interessante considerar que ela se constitui a partir de uma voz afrodescendente, desconstruindo uma voz hegemônica que procurava discutir a história dos ex-escravizados e seus descendentes, sem, no entanto, tê-la vivenciado. Conceição Evaristo escreve a partir de suas próprias experiências, daí ela ter nomeado suas escritas como escrevivências.

Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, pontua o lugar de fala do afrodescendente para discutir a ancestralidade cultural; refletir sobre as condições da mulher negra no Brasil; as opressões em relação à raça, ao gênero e à classe social. É possível identificar a intenção de Conceição Evaristo em evidenciar que não importa o espaço, seja campo ou cidade, o negro sempre confronta-se com uma situação de exploração e de exclusão. Assim, *Ponciá Vicêncio* é uma obra de denúncia social, observando que a sociedade contemporânea continua sendo racista.

Referências

DALCASTAGNÉ, R. **A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea.** *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 42, N. 4, P. 21, 2007. Disponível em: [R Dalcastagnè - Letras de hoje, 2007 - revistas eletrônicas.pucrs.br](#). Acesso em: 29/10/2021.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio.** Belo Horizonte: Mazza, 2003.

MENEZES, Jaci Maria Ferraz de e SANTOS FILHO, Juvino Alves do. **O pós-abolição na Bahia: memória para a construção da vida livre.** In: NASCIMENTO, AD. e HETKOWSKI, TM (orgs). *Memória e formação de professores* [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. p.25 Disponível em: <http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-02.pdf>. Acesso em: 07/05/2020.

MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. **Abolição no Brasil: a construção da liberdade.** *Revista HISTEDBR On-line*. Campinas, n.36, p.87, dez.2009. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/36/art07_36.pdf. Acesso em 06/05/2020.

RIOS, Ana Maria e MATTOS, Hebe Maria. **O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas.** *Topoi*, v. 5, n.8, jan-jun 2004. Disponível em: http://www.revistatopoi.org/numeros_

[anteriores/Topoi08/topoi8a5.pdf](#). Acesso em 07/05/2020.

Conceição Evaristo - **Literatura Afro-Brasileira...** Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafr/autoras/188-conceicao-evaristo> Acesso em: 31/10/2021.

Quem foi Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira... Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/centenario-maria>...Acesso em: 31/10/2021.

Cruz e Souza - **Literatura Afro-Brasileira-Universidade...** Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafr/autores/206-cruz-e-sousa>. Acesso em: 31/10/2021.

Recebido em 26 de novembro de 2023
Aceito em 22 de dezembro de 2023